

## ***Cadernos Pedagógicos "Poetas da Escola" e "Se bem me lembro..." no Programa Olimpíada de Língua Portuguesa: gêneros, memória, estética***

Leni Dias de Sousa Erdei\* (PPGEL-UFMT/bolsista CAPES)

Neiva de Souza Boeno\*\* (UFMT)

Simone de Jesus Padilha\*\*\* (UFMT)

### **Resumo:**

Neste artigo, apresentamos os Cadernos Pedagógicos "Poetas da Escola" e "Se bem me lembro...", materiais didáticos alternativos do Programa Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, singulares em sua concepção, que didatizam os gêneros "poema" e "memórias literárias" por meio de sequências didáticas chamadas "oficinas". Seleccionamos um recorte das atividades pedagógicas desses cadernos com o objetivo de abordarmos a importância da "memória" como objeto estético, como elemento transversal e constituidor no ato de criação, tendo como aporte a noção de "memória" na teoria bakhtiniana. Acreditamos que esse ponto de vista colaborará com os professores em sala de aula, no intuito de darem novos sentidos e orientações discursivas às oficinas desses cadernos em prol da leitura e da escrita.

**Palavras-chave:** Cadernos pedagógicos, memória, estética

### **Abstract:**

In this article, we present both Pedagogical Notebooks "Poets of School" and "If I remember correctly ...", alternative textbooks of the Portuguese Language Olympics Program *Writing the Future*, unique in its design, which teach both genres "Poem" and "Literary Memoirs" using didactic sequences called "workshops" ("oficinas"). We have selected a piece of the pedagogical activities of these books in order to approach the importance of "memory" as an aesthetic object, as a cross-sectional and the constitutive element in the act of creation, having, as technical background support, the notion of "memory" in Bakhtinian theory. We believe that this view will cooperate with teachers in classrooms, in order to give new meanings and discursive guidance to the workshops of these books in favor of reading and writing.

**Keywords:** Pedagogical books, memory, aesthetics

## Introdução

O trabalho com a linguagem na contemporaneidade requer novos comportamentos dos sujeitos situados e atos renovados no presente com evocação dos conhecimentos já postos e com inserção das tecnologias atuais. Para dar subsídio a nossa reflexão sobre esse trabalho, apresentaremos um recorte da nossa pesquisa com os cadernos pedagógicos de *poema* e *memórias literárias*.

Abordaremos em nossas reflexões esses dois gêneros literários, considerados uma particularidade dos gêneros discursivos, que se situam no Programa Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (doravante, Programa OLPEF), uma política pública instituída em 2008, que em essência se apresenta como proposta de formação de professores, visando a melhoria do ensino da leitura e escrita nas escolas públicas brasileiras por meio de quatro gêneros didatizados: *poema* (5º e 6º do Ensino Fundamental, doravante EF), *memórias literárias* (7º e 8º ano do EF), *crônicas* (9º ano do EF e 1º ano do Ensino Médio, doravante EM) e *artigo de opinião* (2º e 3º ano do EM). O tema do Programa OLPEF para esses quatro gêneros é “O lugar onde vivo”.

Para cada gênero, o Programa OLPEF elaborou os Cadernos Pedagógicos para o professor, os quais são compostos por atividades nominadas de “oficinas”, criadas a partir da concepção de sequências didáticas<sup>1</sup> propostas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), da teoria da linguagem bakhtiniana e consoante com os documentos oficiais.

Neste artigo, abordaremos a importância da memória, *implícita nos conceitos bakhtinianos*, na construção estético-discursiva dos gêneros aqui focados, bem como apresentaremos os cadernos “Poetas da escola” e “Se bem me lembro...”, uma reflexão sobre a temática dos cadernos “o lugar onde vivo” e uma visão sobre algumas oficinas fundamentadas na análise dialógica do discurso.

Dessa forma, pretendemos contribuir para reflexões acerca do ensino formal da língua materna a partir desses dois gêneros escolarizados, de maneira que possam ser tomadas como orientações discursivas e *caminho* possível na abordagem em sala de aula, aliando a teoria à prática, numa visão perspectiva e prospectiva da memória em prol do ensino pretendido.

---

<sup>1</sup> Um conjunto de atividades organizadas de maneira sistemática com a finalidade de ensinar um determinado gênero textual (oral ou escrito), de acordo com as necessidades sócio-comunicativas estabelecidas inicialmente.

Iniciaremos nosso artigo abordando a questão da memória na teoria bakhtiniana da linguagem e da cultura, por ser a linha teórica que utilizaremos para análise dos objetos aqui apresentados.

## 1 Situando a questão da memória na teoria bakhtiniana da linguagem e da cultura

Somos seres que temos dois nascimentos previstos, *o físico*, assim como todo animal também o tem para existir neste mundo, e *o social*, como nomina Bakhtin, fato que nos insere na história da humanidade e com capacidades natas e particulares a serem desenvolvidas na interação com o *outro*. Esse segundo nascimento, segundo Bakhtin, se dá através de “cada fenômeno da *cultura*” que “é concreto e sistemático, ou seja, ocupa uma posição substancial qualquer em relação à *realidade* preexistente de outras atitudes culturais e por isso mesmo participa da unidade cultural prescrita.” (BAKHTIN, 1993, p. 31) No domínio da cultura, os atos culturais vivem, mas quando não postos em movimentos entre os sujeitos situados, tornam-se vazios, degeneram-se e morrem. Assim, acontece, por exemplo, com gêneros do discurso que não são utilizados na contemporaneidade: as cartas pessoais feitas a mão. Pela baixa utilização, queremos dizer que em um futuro próximo, devido ao advento das tecnologias da informação e cada vez mais sofisticados, tal gênero morrerá, deixará de ser um objeto cultural vivo. Porém, sua memória passará a coexistir em novos gêneros já no formato das novas tecnologias.

Nesse contexto, destacamos dois elementos-chave da concepção bakhtiniana que são: a *interação* e o *encontro de sujeitos*, espaço este onde se produz o sentido nas enunciações. É no *acontecimento*, no *encontro* que a memória coletiva perpetua objetos culturais, seja a palavra (no sentido mais amplo), sejam os gêneros que utilizamos para nos comunicarmos, sejam outros produtos desenvolvidos pelo grupo.

Fazemos usos dos gêneros discursivos, em atendimento às demandas, e por vezes não refletimos sobre sua origem, sua tradição cultural, linguística ou literária. Nesse sentido, nos dois gêneros aqui propostos temos a evidência da tradição como gênero, no caso do *poema*, e a novidade, no caso das *memórias literárias*, inseridos no âmbito escolar como material didático, em 2008, pelo Programa OLPEF. Falando-se concomitantemente em linguagem e cultura, poderemos distinguir duas memórias na teoria bakhtiniana, a

*memória do sujeito (do "eu") e a memória do objeto*, nominada e dissertada por Amorim (2009).

O sujeito situado no presente conserva na memória individual a memória do "eu", de si, traços de seu grupo social e dos eventos singulares vivenciados, reminiscências que o constituem e o fazem responder com responsabilidade num tempo e espaço, numa determinada forma e acabamento.

Já em relação à *memória do objeto*, podemos observá-la em todos os gêneros, sem distinção, por mais novidades que eles apresentem. Vejamos o gênero **poema** que, desde a Antiguidade Clássica, conserva em sua memória os traços e a essencialidade da forma, do conteúdo e do estilo valorizados naquele tempo. Em relação ao gênero *memórias literárias*, observamos que sua nomenclatura é determinada por dois termos: *memórias*, que traz em sua *arcáica*<sup>2</sup> traços dos gêneros confessionais (memórias, diário, autobiografia), que por muito tempo foram considerados como menores e seguiram seu curso à parte das *altas literaturas* (MACIEL, 2004), na qual o autor-criador conta suas reminiscências com as ferramentas dessa escritura; *literárias*: é o termo que traz a novidade, mesmo trazendo a memória da esfera literária, pois ao ser criado pelo Programa OLPEF, criou-se uma outra arquitetônica como parâmetro para a escritura e o papel do autor-criador, as quais não correspondem à concepção de escritura atribuída ao gênero memórias, como conhecemos nas práticas literárias.

Pelo que vimos aqui, e pela dinâmica da cultura, o gênero *memórias literárias* encaixa-se no conceito de recriador de passado, abre-se ao novo, como memória ativa e ressignificada de um objeto cultural, em direção a um objeto didatizado, no âmbito da esfera escolar. Apesar de ser escolarizado, esse gênero rememora a arquitetônica da obra artística. Segundo Bakhtin:

[...] alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.) Todo o dado se transforma em criado. (BAKHTIN, 2011, p. 326)

Assim, percebemos que a palavra e o gênero têm memória, por sua circulação e transmissão entre os sujeitos. Ainda, segundo Amorim (2009), depreende-se que *a memória*

---

<sup>2</sup> *Arcáica*, segundo Bakhtin, é a *memória do gênero* que só se conserva "graças à sua permanente renovação, vale dizer, graças à atualização." (BAKHTIN, [1929] 1961-1962/1981, p. 91), citado, na tese de doutoramento, por PADILHA (2005).

*coletiva ou memória dos objetos não está nos sujeitos, mas para não se perder, ela precisa estar entre eles. Ela precisa do elo que cada sujeito representa com sua participação na cultura.*

Nesta perspectiva, apresentaremos a seguir uma visão da memória como questão de ordem estética, aquela que possibilita a construção de uma visão dos objetos da vida de forma diversa e fora da realidade vivida, porém ali na memória registrados e renovados no ato criativo.

## **2 A visão sob a memória como questão de ordem estética**

Na arquitetura da obra artística, Bakhtin considera que o objeto estético é uma representação, por isso, podemos pensar que a noção de imagem constitui toda sua formulação. Diante disso, o papel da memória é fundante no ato criativo como um dos recursos que mobiliza as atividades mentais dos sujeitos e a atividade cerebral como um todo. Pensando nela, encontramos as concepções de alguns pesquisadores que a classificam como *memória social* em relação à *memória individual*; memória voluntária em relação à memória involuntária. Falaremos da memória nessas concepções por comporem as possibilidades de criação estética.

Iniciamos pela memória social que possui duas dimensões, discutidas no artigo “A imagem, uma arte da memória?” (ACHARD, 1999). De acordo com ele, uma memória é tida como fato societal e outra como fato de significação. Essa memória social capaz de ler e reler os produtos culturais, conserva os eventos e *acontecimentos* com força vital (BERGSON), longe da indiferença, do campo da insignificação. Essa energia é a possibilidade de fazer impressão (vivacidade) que o termo lembrança evoca na linguagem, no tempo presente do discurso.

Maurice Halbwachs (1990), no livro “A memória coletiva”, versou sobre essa memória como o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade. Dessa forma, queremos registrar que na memória individual, transversalmente constituída pela memória coletiva, há a conservação da história, da tradição, dos acontecimentos, das lembranças de um grupo, de um povo, de uma comunidade.

É nessa perspectiva que o acontecimento memorizado poderá entrar para a história, poderá suscitar o resgate do tempo vivido e das coisas vividas para o tempo presente, encontrará novos significados para as coisas da contemporaneidade, projetando um futuro

prospectivo. Esse elemento retido na memória, que é vivo, somente é vivo porque tem significação e circula entre sujeitos. No momento em que não houver mais esse movimento de circulação, a memória deixará de reter, e tal fato, morrerá.

A partir das perspectivas oferecidas pelas ciências humanas, sobre a importância da memória para uma comunidade, é que compreendemos a abordagem e a definição do tema para o Programa Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro como “o lugar onde vivo”. É muito pertinente apontar para a reflexão a partir da identidade individual (seja aluno ou professor) em diálogo com o *outro* de forma contínua. O *outro* na teoria bakhtiniana pode corresponder a lugares, produtos culturais diversificados (como livros, mesa, cadeira, etc.), pessoas, animais, etc. Por isso, ao interagirmos com o *outro* temos a possibilidade de refletir sobre a realidade tal como ela se apresenta e também de refratar, de olhar a vida de uma outra forma, com uma nova visão, uma visão de atualização da vida presente, e nesse movimento contínuo, temos o apoio da memória individual (que é nossa visão particular de ver a vida, única - do lugar onde falo) e da memória coletiva (que é a visão de grupo da qual o sujeito faz parte, também como uma visão única na sua expressividade). Nesta visão, o trabalho com a memória é um trabalho que possibilita um percurso criativo, uma visão estética dos objetos da vida.

O diálogo na vida e na arte compõe a parte essencial da obra bakhtiniana. Questão primordial para o trabalho pedagógico e formal no ensino da língua materna, por meio dos gêneros. Como Bakhtin enunciou “*A vida é dialógica por natureza.*” (BAKHTIN, 2011, p.348).

Assim, agimos no mundo, nas várias esferas e respondemos ao *outro*. Nossa memória individual (memória do “eu”), que está constituída por nossas relações no social, está presente em nossa vida como princípio dialógico, quando percebemos que processamos *pensamento sobre pensamento, vivência sobre vivência, palavra sobre palavra, texto sobre textos* (BAKHTIN, 2011, p. 307), num processo *continuum*. Ao respondermos por meio da memória, os sentidos se renovam no tempo presente e nas interações. Dessa forma, as ações de “guardar”, “saber esquecer” e “recordar” são capacidades únicas e exclusivas dos seres humanos.

Quando acionamos a memória, estamos sempre fazendo uma relação entre o que está acontecendo agora e o que já aconteceu. Funciona num paradigma de oposições, num jogo: do *aqui-lá; agora-ontem; presente-passado*. Segundo Bergson (1990), o *passado*

sobrevive em mecanismos motores ou em *lembranças independentes*. Nessa concepção, ele define dois tipos de memória, a voluntária (consciente) e a espontânea (inconsciente).

A memória voluntária se trata de uma memória motora e ativa, de caráter utilitário, hábitos definidos pela memória. Como exemplos de atos/hábitos temos as ações de: dirigir; lidar com o computador; ou mesmo quando rememoramos voluntariamente o que aconteceu ontem ou em um passado longínquo; quando recobramos os conteúdos para a realização de uma prova; quando preenchemos os diários de sala de aula; ou no momento em que registramos boletins de ocorrência, sejam nas escolas e nas delegacias; nos relatos escritos após a participação em eventos, etc.

A memória involuntária ou espontânea, considerada como “memória por excelência”, é aquela que faz um registro fiel de todos os acontecimentos e os evoca através de imagens. Tem caráter não pragmático, pois, “*para recuperar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar*” (BERGSON, 1990, p.63-4). As imagens que nos tomam, por exemplo, quando escutamos uma determinada música; ou quando sentimos o cheiro de um pão de queijo; o cheiro de um café fresquinho; uma fragrância de perfume; ao vermos uma determinada pintura, e assim, por diante. As imagens que estão em nosso inconsciente funcionam como operadoras de memória.

Chegamos ao ponto de interesse no processo de criação, após a reflexão sobre a memória em suas dimensões: social, individual, voluntária e involuntária, que é o ato ou processo de *recordar-se* e das imagens subjacentes no inconsciente humano, como eventos que nos remetem à arquitetura estética bakhtiniana. São esses atos que subsidiam o fazer criativo e, por isso, pensamos nesse espaço de criação e na relação do autor-homem, autor-criador e herói.

O autor-homem olha para a vida como se estivesse fora dela, nesse movimento constrói-se um ponto de vista extralocalizado, extraposto e expressado pelo autor-criador. Nesse ponto, o autor-homem se cala para o autor-criador expressar-se diversamente sobre a realidade que observa. A noção de extraposição é fundamental para se compreender os conceitos de posicionamento e dialogia, entre outros temas tão complexos no campo da estética.

Esse ponto de vista extralocalizado do autor-homem (pleno de vivências e experiências, evocados pela memória) em relação ao autor-criador colabora na construção

estético-discursiva dos gêneros literários aqui apresentados. Esse posicionamento diante da vida na escritura é uma visão de rafiguração e não de representação.

Para Bakhtin/Volochinov, a representação é um processo de significação. Disso depreende-se que a representação pode ser entendida como “coisa”, e isso nos remete a compreensão de signo (como materialidade e dimensão semiótica) que corresponde a algo que está no lugar de alguma coisa. Para Bakhtin/Volochinov todo signo é ideológico, pois *“sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade.”* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, (1929) 2006, p. 31).

Nesse contexto signífico, o signo literário se processa nesse movimento de representação e de rafiguração (PONZIO, 2008), no diálogo entre a vida e a arte, a tônica das concepções bakhtinianas. A representação se trata de ver a vida como ela é e corresponde aos gêneros simples pertencentes às esferas da vida cotidiana. Já a rafiguração se trata de ver a vida e retratá-la de uma forma diferente da visão ordinária (da forma como ela se apresenta). A rafiguração como uma visão diversa da realidade é percebida nos gêneros complexos, pertencentes à arquitetura da obra artística. Podemos citar como exemplos de textos de rafiguração os poemas de Manoel de Barros (1916), as pinturas de Anita Malfatti (1889-1964) e Marc Chagall (1887-1985), o “Cinema de poesia”, de Pasolini (1922-1975), entre outros.

Diante dessa explicação, temos que os signos da vida são apresentados na visão estética como signos da arte (numa atividade estética de rafiguração). Aqui, retomamos a memória como recurso importante na compreensão e ressignificação dos signos da vida na arquitetura da obra artística ou dos gêneros complexos, no caso, literários como aqui nos propomos a apresentar.

Uma vez que refletimos sobre a memória e sua importância na construção estético-discursiva, passaremos à abordagem dos cadernos pedagógicos de *poema* e *memórias literárias*, iniciando nossos diálogos apresentando o tema (de forma breve) definido para todos os gêneros inseridos no Programa OLPEF.

### **3 Uma abordagem sucinta sobre o tema do Programa OLPEF: “O lugar onde vivo”**

O tema proposto pelo Programa OLPEF destaque a questão do *encontro* com o passado mais próximo de nosso tempo e o *encontro* de gerações. Nessa perspectiva se ressalta a valorização das pessoas que viveram muito e têm o registro de suas experiências na localidade onde viveu e ainda vive. É a memória viva de uma sociedade contada por um morador antigo da comunidade, é a história não oficial, a história que os livros não trazem. São vidas que se modificam pelas experiências, são vidas refletidas. A memória das pessoas mais velhas nos ajuda a compreendermos a nossa própria história, neste tempo contemporâneo, cheio de contradições e exclusões da minoria.

Para se pensar e falar do lugar onde se vive, compreendemos que é necessário retomarmos a questão da memória, como encontro, identificação, situação, pois toda nossa vivência é referendada num tempo presente, tanto individual quanto coletivamente, e num determinado espaço. É nessa ordem que a memória das pessoas, com quem convivemos e com quem juntos compomos (no passado e no presente) a história da humanidade, reflete a imagem social de um povo.

Essa temática, “o lugar onde se vive” (ou se viveu), é articulada a constituição do sujeito e se dá como um *espaço constitutivo*. Cada espaço onde se vive ou se viveu, seja como habitação, como lugar de atuação profissional, como lugar de fé, etc., é um espaço que tem memória, que nos conta histórias de vida, de relações ali estabelecidas, da linguagem ali praticada. São essas memórias advindas do espaço, que são componentes de nossa constituição como sujeito, que também são determinantes nas nossas identificações, do nosso pertencimento a este ou àquele grupo, a esta ou àquela tradição, aos hábitos e aos comportamentos. Portanto, vemos que a temática procura resgatar e valorizar esse *locus* de vivência única e singular.

Sendo assim, o *espaço de vivência* convoca a memória que nos faz recordar de gente, de objetos, de outros lugares, de cheiros, etc., por meio das atividades mentais acionadas pela sensibilidade do coração. Nessa linha de pensamento, o filósofo Aristóteles (Séc. IV a.C) versava sobre a memória que, para ele, é uma fruição da imagem. Fruição essa que é ampliada pela reflexão e nos leva ao acontecimento do passado como tal, que é conhecimento como *recordação*.

Após dissertarmos sobre a temática, na seção seguinte apresentaremos os cadernos pedagógicos de poema e memórias literárias e as reflexões sobre algumas oficinas.

## 4 Apresentando os Cadernos Pedagógicos do Programa OLPEF e as reflexões sobre algumas oficinas

Os Cadernos Pedagógicos do Programa OLPEF são de excelente qualidade gráfica, colorido e com um design que encanta aos olhos dos professores e alunos. Sem sombra de dúvida, um material didático atraente. O programa chamou esses cadernos de Caderno do Professor, e nele apresentou as orientações para o trabalho com o gênero e as oficinas desenvolvidas pelos técnicos e especialistas da área da linguagem, em acordo com as leis e diretrizes do ensino da língua materna, que tem os conceitos de interação e de gênero textual como princípios desse ensino.

Nesse capítulo, focaremos nossas reflexões no material didático dos gêneros escolares *poema* e *memórias literárias* na perspectiva da memória como questão de estética.

Falaremos primeiramente do Caderno do Professor “Poetas da escola” (ver fig.1) e refletiremos sobre algumas atividades, em seguida, abordaremos o Caderno do Professor “Se bem me lembro...” (Fig. 2) com as respectivas discussões acerca de algumas oficinas.



Figura 1 - Caderno do Professor "Poetas da escola"  
fonte: [www.escrevendo.cenpec.org.br](http://www.escrevendo.cenpec.org.br)



Figura 2 - Caderno do Professor "Se bem me lembro..."  
fonte: [www.escrevendo.cenpec.org.br](http://www.escrevendo.cenpec.org.br)

### 4.1 O Caderno do Professor “Poetas da escola” e as reflexões acerca de algumas oficinas

O Caderno do Professor “Poetas da Escola” (2010) é direcionado aos professores e alunos do 5º e 6º anos do Ensino Fundamental de 9 anos (correspondente à 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental de 8 anos), composto por 15 (quinze) oficinas, na estrutura de sequências didáticas para trabalhar pedagogicamente com o gênero literário *poema*.

Iniciaremos nossas reflexões pela composição do título dado ao Caderno do Professor: “Poetas da escola”. O substantivo “poetas” está associado à locução adjetiva “da escola”. Se analisarmos separadamente o termo “poetas” nos remete à concepção do ofício de escrever poemas, daquele artista que tem o talento para a escritura, independentemente da escolarização. O caderno traz alguns poetas consagrados e cânones na poesia, como: Patativa do Assaré, Mário Quintana, Fernando Pessoa, Elias José, Ricardo Azevedo, Casimiro de Abreu.

Porém, quando associamos o termo “poetas” à expressão “da escola”, teremos uma nova significação, o primeiro termo não mais corresponderá aos poetas cânones, mas sim aos alunos-escretores no âmbito escolar, num espaço definido pela contração da preposição “de” + artigo definido “a”. Portanto, o nome do caderno vem afirmar que a escola continua trabalhando em sua missão que é a do ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, por meio de gêneros escolarizados, porém sem desejar encontrar ou formar poetas que sejam natos para serem consagrados na sociedade.

Com a explicação do nome do caderno, passaremos a abordar algumas oficinas que colaborarão na compreensão desse gênero escolarizado: poema.

#### **4.1.1 O trabalho com a memória nas oficinas “Poetas da escola”**

Cada oficina no caderno pedagógico recebe um nome que dá a orientação dos momentos didáticos a serem trabalhados ou desenvolvidos com os alunos, dentro do espaço escolar ou fora dele, como por exemplo, saindo da escola para visitar pessoas da comunidade e dialogar sobre o tema “poema”, em grupos pequenos, resgatando e valorizando a cultura da comunidade.

A oficina 1 intitulada “Memória de versos e mural de poemas” (POETAS DA ESCOLA, 2010, p.26) apresenta-se com três objetivos desenvolvidos em três etapas. O primeiro objetivo traz como foco principal esse elo de resgate e valorização da cultura local, seguido pela questão de avaliação e ampliação do repertório dos alunos e, por fim, o reconhecimento de poemas em suas diversas formas. As etapas de desenvolvimento também são nominadas como: 1ª etapa – “memória de versos dos alunos”; 2ª etapa – “memória de versos da comunidade” e 3ª – “um mural caprichado”. A concepção de diálogo,

interação e pesquisa permeia o processo de ensino e aprendizagem inicial do gênero poema. A questão da memória é essencial nesse percurso formativo e de encontro.

Geralmente os alunos do 5º ou 6º anos do Ensino Fundamental já têm experiência e conhecimento sobre poema, o que contribui ainda mais para o desenvolvimento e ampliação dos saberes discursivos e literários acerca do gênero a ser estudado.

Pelo percurso da oficina ficou evidente o traçado de um percurso dialógico, de construção de significação a partir do uso da memória: daquilo que o aluno ou as pessoas da comunidade conservaram sobre o tema (poema) em sua vivência até o momento presente, em que ocorrerá a oficina/etapas. Todo esse conhecimento do senso comum (ou prévio, como é mais conhecido na escola) é o registro que está no “eu”, na memória individual do sujeito que está sempre se constituindo nas relações, num tempo-espço único e irrepetível. E também advém da memória do objeto que esse sujeito reconhece no gênero e que lhe dá significados, os quais possibilitam tanto ao aluno quanto às pessoas da comunidade a terem o conhecimento e a apreciarem ou não o objeto estético, no caso, o poema.

Também queremos destacar que o encontro dos alunos com as pessoas da comunidade nos possibilitam algumas relações dialógicas, um retrato da vida como um jogo. Citaremos algumas dessas relações que ocorrem nesse encontro: de gerações (criança-adolescente e adulto-idoso), de língua (com usos particulares que evidenciam a origem da pessoa e sua constituição), de memória (da criança e do adulto) e de histórias relacionadas com o tema da pesquisa que é o poema. Cada sujeito situado neste mundo é único e tem uma vida plena de experiências vividas.

Não há como negar que em todo momento recorremos ao uso da memória (do que temos arquivados em nosso cérebro) para respondermos à vida. Por isso, pela leitura dos nomes atribuídos a cada oficina no Caderno do Professor, percebemos que no desenvolvimento da sequência didática apresentada, o recurso da memória é evidente, eficaz e precioso.

Queremos destacar mais uma oficina, a de número 5, intitulada “Toda rima combina” (POETAS DA ESCOLA, 2010, p. 48), subdividida em quatro etapas, por compreendermos que ela tem relação direta com o ensino de uma das particularidades da escritura literária que é a do uso das rimas e a sua potencialidade em dar sonoridade ao poema. Se buscarmos a memória desse gênero, recorremos à poética na Grécia antiga, época na qual os poemas e as epopéias eram cantados ou recitados nas cortes, acompanhados por instrumento

musical. Daí a harmonia que existia entre os versos e a sonoridade que facilitavam a memorização dos poemas e epopéias pelos aedos. O mais célebre dos aedos foi Homero, o criador da epopéia “Odisseia”.

Percebemos que essa oficina desenvolverá atividades de reflexão sobre o uso da rima e a sua forma de aparecer nos poemas (com busca da memória do gênero), provocando o desafio para os alunos criarem rimas, em diversas situações, utilizando-se de suas capacidades em processar as informações que já possuem (memória do “eu”) com os conhecimentos novos, que estão aprendendo na escola, no tocante aos aspectos e recursos literários. As etapas apresentam: as classificações das rimas e como elas aparecem em poemas diversificados (quodras, canção de roda, etc.); uma pequena biografia do poeta Fernando Pessoa; as reflexões sobre heterônimos e pseudônimos; a produção coletiva de um poema.

As atividades dessa oficina proporcionam o estudo de um dos recursos literários existentes e que chama atenção para a composição do poema, o estilo e o conteúdo. Nas palavras dos escritores do Caderno, essas atividades “contribuem para o sentido do texto e garantem sua unidade, sua composição coerente.” (POETAS DA ESCOLA, 2010, p. 61).

Destacamos também que as três partes que compõem o gênero (forma composicional, estilo e conteúdo temático) estão permeadas de valores axiológicos, ideológicos e fazem parte da teoria dos gêneros discursivos proposta por Bakhtin e o seu Círculo, no livro “A estética da criação verbal” (BAKHTIN, 2011). É nessa obra que encontraremos também o conceito de “memória de gênero”, que é importante para compreendermos a arquitetura da obra artística.

Por arquitetura, na literatura, entendemos, *grosso modo*, a estrutura material (as palavras) unida aos valores adquiridos na vida, no espaço e no tempo que dão suporte ao sentido do conteúdo textual.

A seguir, apresentaremos o caderno pedagógico do gênero memórias literárias e algumas reflexões acerca de duas oficinas que versam sobre a entrevista e a retextualização.

#### **4.2 O Caderno do Professor “Se bem me lembro...” e as reflexões acerca de algumas oficinas**

O Caderno do Professor “Se bem me lembro...” (2010) é direcionado aos professores e alunos do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental de 9 anos (corresponde à 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental de 8 anos), composto por 16 (dezesseis) oficinas, também na estrutura de sequências didáticas, como todos os gêneros trabalhos no programa, focados no ensino e aprendizagem do gênero literário nominado como *memórias literárias*. O nome do caderno *Se bem me lembro...* é uma homenagem (*in memoriam*) à escritora e educadora Alaíde Lisboa de Oliveira (1904-2006), que em seu livro de mesmo nome, narrou suas lembranças em prosa e verso.

Concernente à especificidade desse gênero, pensamos que é pertinente apresentar um pouco da história dessa grande educadora. Segundo Silva Júnior (2004), Alaíde Lisboa sempre dizia, ao citar James Joyce, que ela é um pouco de tudo o que encontrou pelo caminho. Morreu com 104 anos, plena de experiências e sentimentos recolhidos pela estrada do tempo, um cronotopo interessante, diria Bakhtin se fosse vivo. Foi escritora, educadora, vereadora (em 1950, a primeira vereadora da capital mineira), professora da UFMG (onde se aposentou), integrante da Academia Mineira de Letras, atividades estas que demonstraram o seu perfil múltiplo e de vanguarda, grande personalidade brasileira nas áreas da educação e da literatura infantil.

Alaíde Lisboa foi definida por Silva Júnior (2004) como uma “mulher à frente de seu tempo”. Para ela, a possibilidade do sonho é a principal meta do ser humano. “O que seria de nós se não sonhássemos um pouco? Ou melhor: que seria do mundo se os homens não sonhassem?”, escreveu em uma de suas obras. Em sua trajetória intelectual, publicou mais de trinta livros, além de inúmeros artigos em revistas e jornais brasileiros.

Em sua memória, o Professor Guido de Almeida e sua ex-aluna Maria Ângela de Faria Resende escreveram uma biografia poética, intitulada “Meu coração ou Alaíde Lisboa de Oliveira”. Está no acervo da Universidade Federal de Minas Gerais.

A seguir, abordaremos a noção do gênero *memórias literárias* delineado pelo Programa OLPEF no Caderno “Se bem me lembro...” e analisaremos duas das dezesseis oficinas planejadas para tal ensino.

#### **4.2.1 A noção de *memórias literárias* e as oficinas da entrevista e da retextualização**

Ao lermos o Caderno do Professor “Se bem me lembro...” (2010) percebemos que a noção de *memórias literárias* não coincide, necessariamente, com o gênero próprio, narrativa em prosa, e, além disso, nas oficinas, aparecem como exemplos dessa escritura alguns escritores consagrados de nossa literatura, como Manoel de Barros (que escreve suas lembranças em forma de poema), Zélia Gattai (em forma de crônicas e também memórias) e Tatiana Belinky (em crônicas e memórias), entre outros, com um ponto em comum: narrar suas próprias vivências.

Portanto, vemos que tais escritores contam suas reminiscências utilizando-se de gêneros discursivos e literários: conto, crônica e memórias. Nessas formas composicionais, as **memórias** integram variados gêneros, nos quais seus autores assumem a primeira ou terceira pessoa, por delegação do autor-criador (narrador), e narram as vivências do escritor.

Diante disso, vislumbramos que o Programa OLPEF definiu três parâmetros para a escritura em **memórias literárias**. São eles:

1º Recuperar lembranças sobre o **passado da localidade** pela perspectiva de um antigo morador.

2º Apresentar as reminiscências recolhidas como se fossem suas, ou seja, escrever **uma narrativa em 1ª pessoa**, buscando envolver o leitor.

3º Cuidar para que o texto entremeie **acontecimentos reais e ficcionais**, com uma linguagem própria, autoral e pertinente à esfera da literatura.

Por essa definição, destacamos duas das dezesseis oficinas que trabalham com **A Entrevista – oficina 11** (SE BEM ME LEMBRO..., 2010, p. 100), onde o aluno conversará com um morador antigo da comunidade em que mora (para recorrer à memória desse antigo morador sobre sua comunidade) e com **a oficina 12 - Da entrevista ao texto de memórias literárias** (2010, p. 110), onde se propõe a atividade de retextualização – do oral para o escrito, na qual o aluno escreverá suas impressões e percepções sobre o que escutou do antigo morador em forma de narrativa e em 1ª pessoa.

O gênero entrevista é muito conhecido nas diversas situações da vida concreta, entrevista para emprego, entrevista com pessoas famosas, etc. Não há muito de novo na utilização desse gênero, porém antes do aluno sair para essa atividade de campo, o professor o orienta-o na elaboração das perguntas, de forma que elas colaborem na evocação das lembranças de seu interlocutor, antigo morador da comunidade. O que nos

chama a atenção é o ato em si, o ato da entrevista, quando o aluno coloca-se em posição de *escuta*, aquela escuta que é propagada na teoria bakhtiniana, aquela que dá voz ao *outro*, aquela que *escuta* o *outro* com todo o seu respeito e acolhimento, aquele que dialoga, que responde mesmo em silêncio, em postura corporal.

No livro *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*, o Prof. Augusto Ponzio (2007) citando Barthes, afirma que “*ouvir* é um fenômeno fisiológico, *escutar* é um ato psicológico.” E para nós, essa atitude humaniza as relações humanas e é um exercício de cidadania e de *ser humano* para com esse *outro* ser tão importante para a nossa constituição.

Nessa atividade, o aluno precisa colocar-se na posição exotópica, de onde terá um excedente de visão do seu *outro*, e deverá se posicionar diferentemente a partir desse encontro. Não há como escapar dessa mudança que é contínua em nosso dia a dia, ensinamento que nos deixou o filósofo Heráclito (540-480 a. C), que na vida “tudo flui” e que a mudança é permanente. E como se expressou esteticamente Guimarães Rosa, em seu “Grande Sertão Veredas” (2006, p.19): “[...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.” O sujeito inacabado, conforme Bakhtin enunciou em sua teoria, pois assim somos e porque estamos em constante constituição que se dá nas relações.

Para conservar as lembranças do antigo morador, o aluno poderá dispor de canetas, blocos, cadernos e até utilizar-se das novas tecnologias de gravação, via celular ou gravador. O que utilizar para registrar e conservar das lembranças escutadas serão material concreto para praticar a oficina seguinte, o da retextualização.

Na oficina 12, o aluno poderá estranhar o termo retextualização, sem desconfiar que esse processo faz parte do seu dia a dia, por exemplo, quando transmite um recado que sua irmã mandou para sua mãe, na impossibilidade do encontro de ambas. Após a explicação do professor, a compreensão do aluno em relação ao termo será mais ativa, o que possibilitará seus primeiros passos para uma escritura em memórias literárias, em atividade prática. Evidentemente que as ferramentas da literatura, enquanto figuras, modos de dizer poeticamente falando, fazem parte de outras oficinas, que servirão de apoio no ato da escritura. Como vimos no subcapítulo anterior, a escritura requer especificidades de criação estética.

Associamos esse exercício ao conceito de *tradução endolingual* (intralingual ou reformulação, dentro de uma mesma língua), abordada por Roman Jakobson (1896-1982), importante linguista que apontou em suas pesquisas três formas de tradução. Aqui nos interessa a tradução interna para uma mesma linguagem verbal ou não-verbal, por meio da mesma língua, no caso, a Língua Portuguesa.

Nesse sentido, queremos enfatizar que a questão da tradução não está ligada somente às interpretações internas à semântica e à sintaxe, mas também à ordem ideológica que permeia os discursos e as práticas sociais. Como já versava Bakhtin/Volochinov (2006), no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, os signos linguísticos são ideológicos. Eis aí o grande desafio do aluno em se exercitar como tradutor (trabalho de texto e linguagem) na atividade estética. Nesse contexto, a tradução é exigível, é a forma. Essa função de tradutor também a desenvolvemos na vida cotidiana, como quando atendemos ao pedido de esclarecimento, de explicação, de definição semântica, tais atos correspondem a um pedido de tradução na própria linguagem da linguagem do outro (PONZIO *et al*, 2007, p. 37).

O aluno se posicionará como autor-criador que falará na forma do calar e se expressará por meio da escritura literária (quando textualizar o conteúdo, ou melhor, retextualizá-lo, já que escutou-o do antigo morador). Para Ponzio (2007,p.47), “o calar dribla a *ordem do discurso* (Foucault), tem as características que Maurice Blanchot (1907-2004) atribui à *outra noite*, aquela que *não serve à produtividade do dia*.” Diante disso, verificamos que o aluno iniciará a atividade estética, que resultará no produto estético/discursivo, neste caso, *memórias literárias*, texto considerado infuncional, não servido ao consumo, à produtividade ordinária das comunicações oficiais dos atos éticos. Assim, o aluno se valerá do conteúdo do antigo morador, recheado de acontecimentos do mundo real (“espaço ético”), para enformar (dar forma) num projeto de dizer (“espaço estético”). Para isso, necessariamente ocupa-se de um olhar exotópico. Segundo Barros (2012, p.22):

O processo exotópico se realiza quando, repleto desse olhar do outro, retorno a mim mesmo e firmemente coloco em ação o excedente de visão que o outro me proporcionou, atualizando o que penso sobre o mundo e sobre mim. Sem esse retorno, nós ficaríamos somente no chamado refletir, ou seja, somente reproduziríamos o já dito, sem refratar (transformar, atualizar), e isso não contribui para a constituição do outro.

O processo de escritura literária, como se viu sucintamente, envolve uma relação dialógica entre três partes, formando uma triangulação (PONZIO, 2008): o autor, o herói (do quê ou de quem se fala) e o destinatário. Esse diálogo é interno à obra, um componente da obra artística. Trata-se de um diálogo do ponto de vista não necessariamente expresso verbalmente e que também ocorre nas artes visuais.

Retomando a questão da retextualização, tomamos a concepção redefinida por Marcuschi (2001), que corresponde a uma “tradução”, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua. Nesta atividade, é a retextualização da modalidade oral (entrevista) para a escrita (memórias literárias).

Na atividade de retextualização, o aluno se envolverá no processo da arquitetônica da obra artística, na qual se dá a relação entre autor e herói, entre arte e vida, e, mais precisamente, entre o conteúdo e forma. Segundo Luciano Ponzio,

A relação autor/herói ou forma/conteúdo é a relação dialógica do signo artístico com o signo da vida real; é a relação dialógica do ponto de vista artístico com o ponto de vista extra-artístico e os valores da realidade social; é a relação dialógica da forma artística com os conteúdos da vida social; é a relação dialógica do valor estético com os valores extra-estéticos. (PONZIO, 2008, p.35 [tradução nossa])

Por isso, a relação a ser estabelecida entre professor e aluno na realização dessas atividades pedagógicas e estética requer conhecimentos acerca dos conceitos bakhtinianos, que aqui falamos brevemente, sobre os tópicos de: *responsabilidade* (ato responsável), de *exotopia* e de *inacabamento*.

## Considerações finais

Apresentamos neste artigo uma perspectiva da memória como instrumento de reflexão, análise e de construção estético-discursiva nos gêneros escolarizados pelo Programa OLPEF, *Poemas* e *Memórias Literárias*, mesclando as visões do ponto de vista da linguística e da literatura.

Dessa forma, pensamos em contribuir com as reflexões do professor em sala de aula que se utiliza (ou ainda não) dos materiais didáticos aqui apresentados, em um viés discursivo que possibilite e colabore no desenvolvimento das capacidades de leitura e num

horizonte semiótico-ideológico. Tais capacidades se utilizam dos recursos de memória que articulam os valores da vida real, com seus signos ideológicos, num todo arquitetônico da obra artística, onde se encontram os gêneros didatizados, aqui mencionados.

Com as leituras bakhtinianas, depreendemos também que os gêneros da literatura, como toda obra artística, poderão alçar nova significação e significados em contato com os interlocutores num tempo contemporâneo que não corresponde, especificamente, ao contexto de cultura e época dada, como origem. Portanto, os gêneros literários escolarizados refletem e refratam os discursos da vida, e por isso, são partes inalienáveis da cultura.

Compreendemos que algumas atividades situadas nos cadernos pedagógicos requerem ampliações nas atividades de ordem ideológica, pois numa sociedade globalizada em que se vive não há existência ou vivência que seja neutra a tal dimensão discursiva. A visão histórico-social do mundo é sempre renovável, é nesse movimento que inserimos nossas pesquisas.

Concluimos, acreditando, que as reflexões aqui enunciadas possam compor uma orientação para a construção de sentidos atribuindo aos cadernos pedagógicos dos gêneros poéticos escolarizados e às sequências didáticas descritas uma concepção de valor – referências - como instrumentos colaborativos de aprendizagem, entrelaçados às nossas origens, tradições culturais, conhecimentos linguísticos e literários.

## Referências Bibliográficas

- AMORIM, Marília. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 10 sem. 2009. Disponível em: [http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/2993] Acesso em: 07 abr 2013.
- ACHARD, Pierre *et al.* Papel da memória. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- BAKHTIN, M. M. (1952-1953/1979). Estética da Criação Verbal. [Tradução aos cuidados de Paulo Bezerra]. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 3a. Ed. São Paulo:UNESP, 1993.
- BAKHTIN, M. M./VOLOCHINOV, V. N (1929). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória; ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARROS, Leila Figueiredo de. A autoria nas produções de crônicas da Olimpíada da Língua Portuguesa: um olhar enunciativo-discursivo. Dissertação de mestrado, Cuiabá: UFMT, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: GÊNEROS orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda., São Paulo-SP, 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. SP: Cortez, 2001.

MACIEL, Sheila D. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, A. R. & MACIEL, S. D. (org). Em diálogo: estudos literários e linguísticos. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.

PADILHA, Simone de Jesus. Os gêneros poéticos em livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino fundamental: uma abordagem enunciativo-discursiva. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC-SP, 2005.

POETAS DA ESCOLA: caderno do professor: orientação para produção de textos / [equipe de produção Anna Helena Altenfelder; Maria Alice Armelin]. Coleção da Olimpíada, São Paulo: Cenpec, 2010.

PONZIO, Augusto *et al.* Fundamentos de Filosofia da Linguagem. RJ: Vozes, 2007.

PONZIO, Luciano. Icona e Raffigurazione Bachtin Malevic Chagall. Bari: Adriatica Editrice, I edizione 2000, II edizione riveduta, 2008.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SE BEM ME LEMBRO... : caderno do professor: orientação para produção de textos / [equipe de produção Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder, Neide Almeida]. Coleção da Olimpíada, São Paulo: Cenpec, 2010.

SILVA JÚNIOR, Maurício G. Uma mulher à frente do tempo. Boletim n. 1428, ano 30 – 04.3.2004, disponível em <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1428/oitava.shtml>> acesso 07 abr 2013.

Recebido: 01.05.13

Aprovado: 19.06.13

---

\* **Leni DIAS DE SOUSA ERDEI, mestranda**  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Bolsista CAPES  
Departamento de Letras, Instituto de Linguagens  
E-mail: lenni\_dias@yahoo.com.br

\*\* **Neiva DE SOUZA BOENO, mestranda**  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
Departamento de Letras, Instituto de Linguagens  
E-mail: neivaboeno@yahoo.com.br

\*\*\* **Simone DE JESUS PADILHA, Dra.**  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
Departamento de Letras, Instituto de Linguagens  
E-mail: simonejp1@gmail.com